

O CANCIONEIRO POPULAR DA IMIGRAÇÃO ITALIANA

Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro e Patrícia Pereira Porto

Universidade de Caxias do Sul - Brasil

Resumo

A imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul foi disseminadora de um inestimável acervo etnomusicológico, onde podemos encontrar uma grande quantidade de canções, em sua grande maioria no dialeto de origem do imigrante. Esse repertório enriqueceu-se pela soma dos cantos das diferentes províncias de origem dos imigrantes, e pelo acréscimo de alguns cantos compostos na própria Região Colonial Italiana.

O Projeto Ecirs (*Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*) busca, dentro de sua perspectiva de trabalho, documentar todas as variantes significativas, tanto da letra como da música, conservando-as em sua forma primitiva. O confronto dessas variantes permite melhor se aquilatar o que foi o processo de aculturação local neste como em outros segmentos da cultura.

Embora no Brasil as iniciativas na área de preservação do patrimônio imaterial ainda sejam recentes, cada vez mais projetos neste sentido vem sendo desenvolvidos pelos governos, argumentados e justificados principalmente pela diversidade de culturas desenvolvidas no país, culturas estas que não só fazem parte da história das regiões, como também são formadoras de identidade.

Palavras-chave: Música. Patrimônio Imaterial. Imigração Italiana.

EL CANCIONERO POPULAR DE LA INMIGRACIÓN ITALIANA

Resumen

La inmigración italiana en el noreste de *Rio Grande do Sul* difundió un inestimable acervo etno-musical donde podemos encontrar gran cantidad de canciones, en su mayoría en el dialecto de origen del inmigrante. Ese repertorio se enriqueció con los cantos de las diferentes provincias de origen de los inmigrantes sumados a otros cantos compuestos en la propia Región Colonial Italiana.

El proyecto ECIRS, (elementos culturales de la inmigración italiana en el nordeste de *Rio Grande do Sul*) busca documentar todas las variantes significativas, tanto de la letra como de la música, conservándolas en su forma primitiva. La confrontación de estas variantes permite valorar mejor lo que fue el proceso de aculturación local en éste y en otro segmento de la cultura.

Aunque en Brasil las iniciativas en el área de la preservación del patrimonio inmaterial son todavía recientes, los gobiernos desarrollan cada vez más proyectos que se encuentren fundamentados, principalmente, en la diversidad de las culturas desarrolladas en el país. Estas culturas no sólo son parte de la historia de cada región; también son formadoras de identidad.

Palabras clave: Música. Patrimonio inmaterial. Inmigración italiana.

POPULAR SONG BOOK OF ITALIAN IMMIGRATION

Abstract

The Italian immigration in the North East of *Rio Grande do Sul* spread a remarkable ethno-musical legacy in which we find many songs, most of them in the dialect of origin of the immigrant. This repertoire, enriched by the songs of the different provinces of origin of the immigrants, added other songs composed in the Italian colonial region.

The ECIRS (cultural elements of Italian immigration in the North East of *Rio Grande do Sul*) project, according to its working perspectives, aims at documenting all the significant varieties, as regards the lyrics and the music, conserving them in their original form. Confronting these varieties allows a better valuation of the process of local aculturation in this and other areas of culture.

Even though in Brazil initiatives in the area of preservation of immaterial heritage are still recent, governments are designing projects in this respect, based mainly on the diversity of the cultures developed in the country. Such cultures are not only part of the history of each region but also identity formers.

Key words: Music. Intangible heritage. Italian immigration.

O CANCIONEIRO POPULAR DA IMIGRAÇÃO ITALIANA

Cleodes Piazza Julio Ribeiro¹

Patrícia Pereira Porto²

Universidade de Caxias do Sul- Brasil

Os primeiros decênios da presença de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul – particularmente na Encosta Superior do Nordeste, conhecida como a Região Colonial Italiana (RCI) – caracterizaram-se por um processo de criação cultural, alicerçado em dois componentes básicos. Um desses componentes foi a tendência à manutenção de hábitos, valores e instituições da pátria de origem. O outro foi a contingência em que se viram esses imigrantes vindos das montanhas e vales pré-alpinos, da adaptação ao novo meio ambiente, que os obrigava a mudar seu modo de produzir e de viver. É a integração dos valores culturais trazidos como bagagem, mais os criados em função da adaptação, que permite falar no surgimento de uma nova cultura no Nordeste do Rio Grande do Sul.

Durante muito tempo, por falta de estradas e de outras formas de comunicação, as colônias italianas permaneceram como uma espécie de ilha em relação às demais sociedades existentes no Estado. Isso, mais a necessidade de conviver com um ambiente físico desconhecido, foram fatores determinantes para o surgimento e sedimentação de uma cultura, com traços particulares. A aculturação, com as inevitáveis mudanças produzidas, quando se juntam sociedades com diferentes tradições culturais, só viria a ocorrer intensamente num segundo momento, embora desde o início se tenham tornado visíveis alguns indícios de incipientes trocas culturais.

Esses valores culturais, criados e desenvolvidos pelos colonos italianos, estão aos poucos desaparecendo, mesmo porque a forma de vida, também nas zonas rurais, vai rapidamente se modificando. Querer preservá-los em toda sua plenitude é impossível, porque não se pode reter o curso da história. O que se pode fazer, e felizmente já começa a se tornar forte uma consciência nesse sentido, é não permitir que desapareça a sua memória.

O hábito de cantar

O canto popular de matriz tradicional integra um conjunto mais amplo de manifestações da cultura oral na região da colônia italiana no Rio Grande do Sul. Desse conjunto fazem parte as histórias, as narrativas, os provérbios, enfim, as formas cristalizadas da tradição que a oralidade se encarregou de transmitir e preservar. Dentre todas essas formas, o canto aparece como uma das expressões coletivas que se reveste de maior significado. É um testemunho da origem do povo da Serra gaúcha. Isso vale dizer que o canto reforça, como prática coletiva, um dos traços de identidade dos descendentes dos imigrantes italianos.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Professora do Departamento de Letras -Centro de Ciências Humanas - Universidade de Caxias do Sul. Coordena o Programa ECIRS, nessa universidade, desde 1978.

² Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas – UFPel. Coordenadora do Curso de Licenciatura em Música, Centro de Artes e Arquitetura - Universidade de Caxias do Sul. Pesquisadora do Programa ECIRS (UCS).

Os imigrantes que se estabeleceram nas terras do Nordeste gaúcho experimentaram, depois das peripécias da viagem, um reinício de vida sem um aparato cultural adequado a tantas mudanças. Mesmo alimentando a esperança de construção de um novo lugar, de um novo espaço para si e para seus filhos, o sentimento de *desenraizado* acabou por ditar-lhes um comportamento novo: cantar, no exílio, nem sempre voluntário, para lembrar lugares e pessoas queridas.

Na memória dos mais velhos ainda estão presentes as vozes que se alternavam, em coros improvisados, de uma encosta a outra dos montes. Nesse tempo, em que se faziam as primeiras roças e se implantavam os primeiros parreirais, famílias de colonos, sem interromper o trabalho, entoavam canções que, ecoando pelo vale, eram ouvidas pelos vizinhos que plantavam ou desmatavam uma nova colônia.

Os depoimentos colhidos ao longo da pesquisa mostram que, nos difíceis tempos do começo, cantava-se para *esquecer a fadiga do trabalho* ou cantava-se porque o canto fazia “ter outros pensamentos” ou, como disse Dona Romana Carra (75 anos, Antônio Prado), *cantava-se para não pensar*.

Na perspectiva com que são interpretados os depoimentos dos mais velhos que resgatam da memória uma experiência coletiva ou que refazem o discurso do pai ou do avô, pode-se concluir que o canto, na RCI, teve a função vital de buscar um equilíbrio para as situações difíceis, através da criação de momentos de euforia.

Além dessa função, outra, mais duradoura, se incorpora à tradição de cantar entre a gente da Serra gaúcha: a de agregação social.

O espaço privilegiado para o canto associativo foi o *filó*. Este pode ser definido como sendo o costume de reuniões entre parentes ou vizinhos mais próximos.

Eram encontros sociais nas cozinhas, ou nas cantinas domésticas, sobretudo na zona rural. Dele participavam homens, mulheres, jovens e crianças. De um modo geral, fazia-se *filó* aos sábados à noite, porque, no dia seguinte, não havia necessidade de levantar cedo para trabalhar.

Nessas ocasiões as mulheres faziam, principalmente, a *dressa* – trança de palha de trigo que daria origem aos chapéus e às *sparte*. Remendar a roupa e fazer crochê eram outras atividades das mulheres no *filó*. Já os homens jogavam cartas e conversavam. Se o *filó* acontecia *in cantina* – no porão – desfolhava-se e debulhava-se o milho. Os homens podiam dedicar-se, também, a pequenas atividades artesanais como, por exemplo, fazer um cabo para a enxada ou tecer um cesto de vimes. As crianças brincavam com os sabugos do milho, ouviam histórias e, no verão, brincavam ao ar livre. É durante o *filó* que, entre copos de vinho, emergem as canções que são executadas sem acompanhamento instrumental. Dessa forma, conserva-se o repertório do grupo nas suas variantes regionais, assim como se enriquece e se amplia.

Enriquecimento e ampliação que aconteciam na medida em que o vizinho, por exemplo, procedia de outra província italiana, distinta daquela do dono da casa, ou dos outros vizinhos, e sabia canções que esses não conheciam. Essas trocas é que deram origem a um repertório de cantos rico e diversificado na RCI. A prática de cantá-los nos encontros entre vizinhos, como o *filó*, ou em celebrações coletivas como a *sagra* – festa do santo padroeiro – reforçou a sua função de agregação.

O canto, na forma como é executado até hoje, isto é, em coro, se vincula à condição de *coisa* partilhada. Cantar *in compagnia* – na companhia de outros – significava, além do convívio grupal, partilhar do mesmo tempo livre. O lazer, frequentemente associado ao tempo de refazer as energias para o trabalho, encontrava, nessas ocasiões, um momento privilegiado. Era um tempo livre, que se nutria do diálogo, da sabedoria dos mais velhos, da troca de informações, das novidades e do canto.

As transformações havidas, especialmente a partir da década de 50, alteraram a fisionomia da RCI: uma região que tinha, até aquela década, 70% de sua população dedicada à agricultura, passa à condição de segundo pólo econômico do Estado do Rio Grande do Sul, assentado, principalmente, na indústria metal-mecânica.

A eletrificação rural, a melhoria do sistema viário nas áreas rurais, os meios de comunicação, as decrescentes taxas de natalidade e a atração que as cidades passaram a exercer sobre a *colônia* são fatores que conferem nova dinâmica à cultura regional.

Muitos dos antigos costumes que davam sustentação a valores tradicionais foram sendo substituídos ou entraram em desuso. Um novo perfil se desenha na cultura da imigração italiana no Nordeste da Serra gaúcha. Esse perfil, que ainda tem traços essenciais da cultura de origem, também preserva o hábito de cantar.

A tradição do canto popular

Quando trabalhamos com cultura de tradição oral, não podemos ignorar o fato de que tal ‘tradição’ não é estagnada, pelo contrário, é enriquecida pela diversidade cultural e pelas modificações temporais, geográficas e econômicas. O repertório trazido ao Brasil pelos imigrantes italianos enriqueceu-se pela soma dos cantos das diferentes províncias de origem destes (embora o maior número de imigrantes que se estabelecem na região provenham de Vêneto), assim como pelo acréscimo de alguns cantos compostos na própria RCI.

Ao longo de mais de um século, esse repertório modificou-se. Sabe-se que muitas canções desapareceram, como ocorreu praticamente com os cantos, rimas e jogos infantis e algumas canções de ninar – *le nine nane*. Delas permaneceu apenas a memória na lembrança de alguns velhos, que já não sabem cantá-las, apenas se lembram de fragmentos dos versos.

A representação ritualística também caiu em desuso, como por exemplo, a representação dos cantos *dela Stela*³, que eram cantados à época do Natal, do Ano-Novo até a Epifania. Ao lado dos cantos ritualísticos do calendário, como esses do ciclo natalino, havia aqueles dedicados aos ritos domésticos como o nascimento, o casamento, a vida familiar e a coletiva.

Se os cantos de função ritualística entraram em desuso, o mesmo não aconteceu com os cantos líricos, satíricos, narrativos, que exerceram a função

³ Segundo depoimento de José Panozzo, da localidade do Borgo Forte, município de Antônio Prado, até a década de 1950 ainda se cumpria o rito *dela stela* que consistia no seguinte: um grupo de 30 a 40 pessoas, entre homens e moços, do início da noite até o amanhecer, percorria o caminho, de um extremo ao outro de uma dada Linha, cantando, de casa em casa, cantos natalinos. Um dos cantores, à frente do grupo, levava um longo bastão em cuja extremidade havia uma estrela de papel de diferentes cores e, dentro dela, uma lanterna acesa. Por um dispositivo engenhoso, movido por uma manivela, a estrela girava, lançando raios coloridos. Hoje os cantores já não anunciam, de casa em casa, a chegada da *nova stela*. Eventualmente cantam os mesmos cantos na capela, durante a missa do Natal.

de cantos de agregação social. São cantos de conteúdo e estrutura diversos, cantados nos *filós*, na *sagra*, nas reuniões familiares ou sociais e na bodega. Isso vale dizer que não há um repertório específico para cada ocasião.

Por outro lado, aqui foram inventadas muitas vezes, letras novas para melodias antigas, seguindo-se um processo comum no cancioneiro popular. Fatos da vida quotidiana, como a fundação de uma cooperativa ou uma grande seca, deram motivo ao surgimento de canções novas. Também a melodia sofreu mudanças: assumiu novas formas, adaptou-se e mudou o andamento.

Aliás, outra particularidade do canto popular na RCI diz respeito à sua execução. Na maioria absoluta, a execução é coral, fato que justifica a existência de um grande número de coros espontâneos, sobretudo nas áreas rurais. A organização desses coros se faz, geralmente, por proximidade geográfica, e, na sua identificação, tomam o nome da capela, da linha ou do lugarejo a que pertencem. Essa, porém, não é a única forma de organização. Há os coros familiares (que tomam o nome da família dos cantores: Família Onzi, Família Antônio Fabro, Coro Virginio Panozzo), os formados por grupos de amigos e ainda os que se organizam ao sabor das circunstâncias. A forma mais frequente de organização, entretanto, é o de *coro da capela*. Esses coros são formados por pessoas, de ambos os sexos, de diferentes faixas etárias, habitantes de uma mesma localidade que se reúnem para cantar na missa do domingo. Do repertório desses grupos fazem parte não só os cantos sacros, mas e sobretudo, as velhas canções trazidas da Itália, ou aqui compostas e que são transmitidas de geração em geração.

Registro, organização e digitalização do acervo Cancioneiro Popular da Imigração Italiana

Diversos registros foram feitos dos cantos populares da imigração italiana no Sul do Brasil.⁴ Essas publicações têm a preocupação de estabelecer uma versão mais ou menos padronizada das manifestações colhidas.

O Projeto Ecirs busca, dentro de sua perspectiva de trabalho, documentar todas as variantes significativas, tanto da letra como da música, conservando-as em sua forma primitiva. O confronto dessas variantes permite melhor se aquilatar o que foi o processo de aculturação local neste como em outros segmentos da cultura.

Para tanto, foi realizado um levantamento das regiões da serra gaúcha que continham grupos ou indivíduos que ainda mantinham o hábito de cantar, que se lembravam das músicas que seus *nonos* ou seus pais haviam ensinado.

Posteriormente, se procedeu com a gravação dessas músicas em fita cassete, o que resultou em um acervo de mais de 500 canções. Com o intuito de registro e publicação do acervo, todas as canções gravadas foram transcritas. O texto destas foi escrito em dialeto, e posteriormente traduzido para o português. As músicas foram passadas para partitura, em sua forma manuscrita.

Em 1984, o Ecirs editou o primeiro disco da série “*Mèrica, Mèrica* – cantos populares da imigração italiana”, ilustrando os primeiros resultados de

⁴ Veja-se: CORRADIN, Giuseppe et al. *E cantavam...*, 1972; ROMAN, Ernesto N. et al. *Canti taliani*, 1980; BATTISTEL, A. I.; COSTA, Rovilio *Assim vivem os italianos: religião, música, trabalho e lazer*. 1983

pesquisa na região. O volume II de *Mèrica, Mèrica* foi resultado de pesquisa realizada no município de Antônio Prado, também em áreas rurais, nos anos de 1985 e 1986; e seu 3º volume, contém uma seleção de canções recolhidas nos municípios de Carlos Barbosa, Bento Gonçalves e Caxias do Sul, respectivamente nos anos de 1985, 1986 e 1987.

A pesquisa realizada para a produção desses três discos possibilitou a identificação de significativas mudanças no modo de execução dos cantos, refletindo uma certa modernização em relação à forma tradicional de cantar entre os descendentes de italianos. Isto é, em alguns grupos, o canto é acompanhado por instrumentos musicais, gaita ou violão, e o ritmo é mais ágil, mais próximo aos modos musicais *modernos* de execução.

Atualmente está sendo realizada a catalogação e digitalização dessas canções, tanto das partituras manuscritas quanto do áudio coletado, com o objetivo de posterior divulgação do acervo através da publicação de um livro com as partituras editadas e textualmente contextualizadas.

Todas as partituras manuscritas foram reescritas através de um software específico para edição das mesmas, onde se teve a preocupação em adicionar à melodia, a letra da canção em dialeto. Para a publicação, disponibilizaremos não só o texto em dialeto como também em português, acompanhado de uma leitura crítica sobre as modificações das canções ocorridas na RCI, baseada em estudos já existentes sobre os cantos de imigrantes italianos em outras regiões.

Também está sendo realizada a digitalização das partituras manuscritas, através de um aparelho scanner, para que futuros pesquisadores possam acessar a imagem do manuscrito original, porém protegendo-o de danificações causadas pelo clima e pelo manuseio, e podendo-se assim obter o registro completo das etapas de organização do acervo.

Um dos principais processos do referido projeto é a conversão do formato áudio analógico, contido nas fitas magnéticas, para formato digital WAVE e MP3, através de um software específico para gravação e mixagem de áudio, com o objetivo de proteger e conservar o teor das fitas, visto que o tempo e as mudanças climáticas acabam por danificar, muitas vezes por completo, o conteúdo deste tipo de suporte.

Outra finalidade desse trabalho foi a construção e implementação de um Banco de Dados, onde o acervo pode ser pesquisado no formato digital, conservando a documentação original, e onde são encontradas todas as referências sobre o acervo devidamente organizadas e catalogadas. Esse banco de dados já se encontra publicado em página web, no endereço : http://www.ucs.br/ucs/institutos/memoria_historica_cultural/ecirs/acervo, onde estão disponibilizadas partituras digitais em formato PDF, imagens das partituras manuscritas, partituras em formato midi e áudio das canções em formato MP3, assim como textos e imagens explicativos sobre as pesquisas realizadas pelo ECIRS. O índice está organizado da seguinte forma: Título, Intérprete, Região, Classificação e Unidade Documental, conforme exemplo abaixo:

Título	Intérprete	Região	Classificação	Unidade Documental
Angiolina bela Angiolina	Travessão Alfredo Chaves	???	Lírica	
Banbinêlo de amor	IRMÃOS DALCIN	Carlos Barbosa	Lírica	
Barcherôlo	IRMÃOS DALCIN	Carlos Barbosa	Narrativa	
Bel prá di erva	LINHA CÂNDIDA DO 30	Antônio Prado	Lírica	
Beléssa di Maria	VIRGILIO PANOSSO	Antônio Prado	Religiosa	
Beléssa di Maria	VIRGILIO PANOSSO	Antônio Prado	Religiosa	
Benedeta la mia marna	VIRGILIO PANOSSO	Antônio Prado	Religiosa	
Bernardo bel Bernardo	VIRGILIO PANOSSO	Antônio Prado	Narrativa	

Todos esses itens são imprescindíveis para a compreensão do processo de aculturação dos imigrantes italianos. A informação sobre a região onde foi coletada a canção, assim como sobre seu intérprete, mostra as possíveis diferenças de interpretação entre as regiões e as prováveis alterações nas letras e melodias. Na parte da classificação são encontradas as referências sobre o gênero das canções, assim como explicações sobre o que caracteriza cada um destes gêneros, como a narrativa, os cantos líricos, as cômicas, dentre outras.

Na unidade documental, estão disponibilizados os links que abrem os arquivos em formato JPG (imagem da partitura manuscrita), PDF (partitura editada), MIDI e MP3. Também fazem parte do BD informações sobre o levantamento das canções nas regiões de imigração italiana, sobre o processo de organização do acervo, assim como sobre a equipe do projeto e colaboradores.

O caso de Antônio Prado

Em Antônio Prado, supõe-se que também por circunstâncias históricas – o relativo isolamento com relação às demais colônias italianas devido à falta, por mais de 80 anos, de ponte sobre o rio das Antas, e sobretudo o tardio processo de eletrificação rural, iniciada apenas no ano de 1960, entre outros – conservou-se um número expressivo de cantos que não foram encontrados, até o momento, em outras áreas da pesquisa.

Apesar da peculiaridade e importância dessas canções, algumas não foram divulgadas em disco, como o exemplo da canção narrativa⁵ *Dona Lombarda*, que contém 15 minutos de execução.

Além de preciosas raridades, é interessante observar a diversidade de execução dos dez grupos de Antônio Prado que participaram do registro. Pelas diferenças de execução, pode-se perceber formas tradicionais e formas mais recentes de cantar. Uma forma tradicional, por exemplo, é a presença de um guia do grupo coral, ou puxador do canto. Ele é chamado de *il primo*: é a

⁵ Segundo Roberto Leydi, canções narrativas são aquelas que contam uma história, frequentemente com começo, meio e fim, são longas e *ricas em particularidades*.

voz que inicia o canto em todas as estrofes. O papel do guia é o de dar o tom e, às vezes, realizar certas modulações que nem sempre são acompanhadas pelas demais vozes. Chama-se atenção também para a ausência de acompanhamento instrumental, como característica de um modo mais antigo de cantar.

Outro aspecto observado é o da presença de dissonâncias em algumas execuções, em especial aquelas que parecem empolgar mais os cantores. Essas dissonâncias devem-se a uma menor disciplina, que a ausência de um regente permite.

Em Antônio Prado, foi registrada também uma canção *cimbra*, publicada no disco *Mèrica, Mèrica II*. Ela é uma pequena peça *arqueológica*, que nos chega através da voz, um pouco trêmula, de um dos últimos falantes do dialeto cimbro. Ela documenta a presença, em Antônio Prado, de um grupo minoritário de imigrantes dos Alpes vênéticos, chamados *cimbros*, cuja língua era um dialeto alemão arcaico. Por muito tempo acreditou-se que os *cimbros* fossem remanescentes de um povo bárbaro da Germânia, que, em suas tentativas de se estabelecer no Sul da Europa, foram praticamente dizimados pelo Exército romano no ano 101 a.C. Entretanto, já no século passado, se confirmava a hipótese de que os assim chamados *cimbros* eram, na verdade, descendentes de imigrantes alemães, que, no século XIII da era cristã formaram comunidades alpinas nos domínios dos bispos de Trento, Vicenza e Verona.

Com a imigração italiana para o Nordeste do Rio Grande do Sul, várias famílias *cimbras* estabeleceram-se em Antônio Prado, formando uma comunidade coesa e linguisticamente uniforme. Passados 100 anos, seus descendentes falam o português, e a *koiné*⁶. O canto popular da imigração italiana se traduz como uma das expressões coletivas de maior significado dentre as tradições orais do povo da Serra gaúcha, pois reforça, como prática coletiva, um dos traços de identidade dos descendentes daqueles imigrantes.

O projeto *O Cancioneiro Popular da Imigração Italiana* se justifica pela urgência e necessidade de conservação da memória cultural do Rio Grande do Sul, principalmente no que se refere à estudos musicológicos e etnomusicológicos. Embora no Brasil as iniciativas na área de preservação do patrimônio imaterial ainda sejam recentes, cada vez mais projetos neste sentido vem sendo desenvolvidos pelos governos, argumentados e justificados principalmente pela diversidade de culturas desenvolvidas no país, culturas estas que não só fazem parte da história das regiões, como também são formadoras de identidade.

⁶ Termo utilizado pelos dialetólogos Vitalina Maria Frosi e Ciro Mioranza para designar a fala comum na RCI.

REFERÊNCIAS

SABBATINI, Mário. *La Regione di Colonizzazione Italiana in Rio Grande do Sul: gli insediamenti nelle aree rurali*. Firenze: Consiglio Nazionale Delle Ricerche (CRAL), 1975.

CORRADIN, Giuseppe et al. *E cantavam....* Porto Alegre, Cibai Imigrações, 1972.

ROMAN, Ernesto N. et al. *Canti taliani*. Caxias do Sul, EDUCS, 1980.

BATTISTEL, A. I.; COSTA, Rovilio. *Assim vivem os italianos: religião, música, trabalho e lazer*. Caxias do Sul, EDUCS, 1983.

LEYDI, Roberto. *I Canti popolari italiani*. Milano: Arnoldo Mondadori, 1978.

MIORANZA, Ciro. Os *Cimbros* de Antônio Prado (dialeto alemão falado por imigrantes italianos) In: *Imigração italiana: estudos*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. Caxias do Sul: EducS, 1979. p. 247. (Anais do I e do II Fórum de estudos ítalo-brasileiros).

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Movimentos. Caxias do Sul: EducS, 1975. p. 70